Dia 18 — São Simeão, Bispo de Jerusalém e Mártir

São Simeão, ou Simão, estava em estreita união com Jesus Cristo e era consequente que tivesse muita parte em seus singulares favores e em suas particulares graças. Era filho de Cléofas, irmão de São José, e por conseguinte reputado primo-irmão do Salvador. Sua mãe se chamava Maria; era aquela mesma de quem diz o Evangelho que era cunhada da santíssima Virgem (por sê-lo de seu esposo São José), a quem acompanhou até o monte Calvário, assistindo à morte do Salvador do mundo, que olhava como a sobrinho seu.

Suposta uma união tão estreita entre o filho e os pais com Jesus Cristo, é fácil discorrer a liberalidade com que o Salvador cumularia de graças toda a família. Era Simeão de sangue real, como sobrinho de São José, legítimo descendente da casa de Davi; mas seu maior e mais ilustre distintivo foi ter sido discípulo de Cristo, um santo bispo e um glorioso mártir.

Escolheu-o o Salvador por um de seus primeiros discípulos e o instruiu por si mesmo; de modo que, saindo da mão de tal mestre, que progressos não faria na ciência da salvação? Foi testemunha da maior parte dos milagres que obrou o Filho de Deus, de sua ressurreição e de sua ascensão aos céus; e, como era um dos membros que compunham então toda a Igreja, achou-se no cenáculo com os demais e recebeu o Espírito Santo no dia de Pentecostes em companhia da santíssima Virgem, a quem reverenciava como a tia, e dos sagrados apóstolos, de muitos dos quais era parente.

Depois da separação dos apóstolos e dos outros discípulos destinados a levar a luz do Evangelho às províncias, parece que São Simeão ficou na Judeia, aplicado pelo Senhor a trabalhar na conversão dos de sua mesma nação, de quem foi sempre muito estimado e muito querido. Esteve muitos anos dentro da mesma Jerusalém em companhia de seu primeiro bispo, parente seu, Tiago o Menor, ajudando-o a trabalhar na santificação daquela grande cidade que Jesus Cristo acabava de regar com seu preciosíssimo sangue.

Foi sua missão tanto mais trabalhosa quanto tinha que lidar com um povo cujo coração e cujo espírito respirava ainda cólera e furor contra Jesus Cristo, a quem acabava de tirar a vida num afrontoso madeiro. Com tudo isso, a seu apostólico fervor e laboriosas fadigas correspondeu uma messe muito abundante. Cada dia se aumentava o número dos fiéis, e estas frequentes conversões excitaram aquela cruel perseguição que fez tantos mártires em Jerusalém.

No ano 62 do nascimento do Senhor, e 29 de sua gloriosa ressurreição, tiraram desumanamente a vida os judeus a Tiago o Menor. Diz-se que Simeão se achou presente a seu martírio e que teve valor para repreender agramente os homicidas, acriminando-lhes a enormidade de seu delito, sem

que eles se atrevessem a vingar-se; o que acredita o respeito e a veneração que professavam a nosso santo.

Por razão da perseguição, passaram-se alguns meses depois da morte do apóstolo até que nomeassem a quem lhe sucedesse. Sossegada algum tanto a tempestade, logo que se pôde respirar, juntaram-se em Jerusalém os apóstolos que não estavam muito distantes, os discípulos que ainda viviam no ano de 62 e os fiéis, e todos de unânime consentimento elegeram Simeão como o mais digno e o mais próprio para ocupar o posto do apóstolo Tiago.

A eminente santidade e a grande sabedoria do novo bispo contribuíram muito não só para nutrir, mas para acender admiravelmente a piedade e o fervor daqueles primeiros cristãos, que, pelas perseguições dos judeus, cada dia se faziam mais ilustres e recomendáveis na Igreja.

Tendo-se amotinado neste tempo os judeus contra os romanos, o santo pastor aconselhou os cristãos a que se retirassem de Jerusalém para que não fossem envolvidos nas ruínas daquela infeliz cidade. Saíram, pois, os fiéis de Jerusalém sob a condução de seu santo bispo, como em outro tempo havia saído Lot e sua família de Sodoma sob a condução do santo anjo; e retiraram-se a um lugar da outra parte do Jordão, chamado Pela, no ano de 69, isto é, pouco antes que Vespasiano, enviado por Nero contra os rebeldes, entrasse com seu exército no país.

Depois da total ruína de Jerusalém, que sucedeu no ano 70 do Senhor, passaram os fiéis segunda vez o Jordão e restituíram-se, não à cidade, que já não a havia, mas ao lugar que antes ocupava, não tendo ficado nela pedra sobre pedra, segundo a palavra do mesmo Jesus Cristo. Sobre estas miseráveis ruínas edificaram outra nova cidade menos soberba em edifícios, mas mais rica de virtudes; porque, animados com um novo fervor pela solicitude, pela piedade, pelo zelo de seu bispo, logo refloresceu a igreja mais que nunca na nova Jerusalém, competindo as raras virtudes dos que a compunham com o resplendor de seus prodígios e com o ruído de seus milagres.

Teve sempre grande cuidado Simeão de velar sobre seu pequeno rebanho e sobretudo de conservá-lo em sua primitiva pureza, já prevenindo-o contra as heresias que o inferno começava a suscitar, já distribuindo continuamente a seu povo o pão da divina palavra e explicando-lhe sem cessar, com um zelo e com uma bondade admirável, as grandes verdades da Religião, como as havia aprendido da boca do mesmo Jesus Cristo.

Esta vigilância do santo pastor, este zelo infatigável pela glória de Jesus Cristo e pela salvação de suas ovelhas, esta constância, este valor heroico nos maiores perigos mereceram-lhe por fim a coroa do martírio.

Havia-o conservado a divina Providência por um espaço de tempo muito considerável, durante o qual havia governado sempre suas ovelhas com muita prudência e com grande tranquilidade. Era muito necessário à Igreja enquanto duravam aqueles tempos duros e calamitosos, pelo que permitiu ou dispôs soberanamente o Senhor que não se lembrassem dele nas diligentes pesquisas que fizeram Vespasiano e Domiciano de todos os descendentes de Davi para tirar-lhes a vida; mas, tendo-se renovado estas pesquisas por ordem do imperador Trajano, foi delatado Simeão, não só como descendente daquela real casa, mas como a coluna e o herói do cristianismo.

Aos cento e vinte anos de idade foi apresentado ante o governador da Síria, chamado Ático, varão consular que se achava então na Judeia, cuja província pertencia a seu governo. Moveu-se este a compaixão logo que viu diante de si um ancião tão respeitável e procurou persuadi-lo a que renunciasse sua religião, sacrificando aos deuses do império; mas ficou sumamente surpreendido quando ouviu a generosidade e a fortaleza com que lhe fez demonstração nosso santo de que nem havia nem podia haver mais que um só Deus verdadeiro; que Jesus Cristo era este verdadeiro Deus e que os que ele chamava deuses haviam sido uns insignes facínoras, afronta do gênero humano e indignos de ser contados nem sequer no número dos homens.

Voltado Ático a si de seu primeiro assombro, advertindo a grande impressão que faziam nos circunstantes as palavras do santo velho, mandou açoitá-lo cruelmente e por muitos dias o fez padecer os mais atrozes suplícios. Admiraram todos sua constância, sem acertar a compreender de onde podia vir aquele vigor e aquela fortaleza a um corpo debilitado por uma idade tão avançada. Todos gritavam que aquilo era milagre; o que irritou tanto o juiz que o sentenciou a que perdesse a vida numa cruz, logrando Simeão o consolo de ver-se tratado como seu divino mestre. Não pôde conter dentro do peito a alegria e morreu dando graças ao Senhor pelo favor que lhe fazia de imitar a Jesus Cristo no gênero mesmo de seu suplício.

Foi seu glorioso martírio no ano do Senhor 107, depois de ter governado a igreja de Jerusalém por espaço de mais de quarenta anos. Algumas igrejas do Ocidente, como as de Brindisi e Bolonha na Itália, a de Bruxelas nos Países Baixos e a de Torrelaguna na Espanha, têm-se por felizes em possuir relíquias deste grande santo e as veneram com muita devoção e com não menos confiança.

São Heladio, Arcebispo de Toledo

Santo Eladio, um dos mais brilhantes ornamentos da ordem episcopal e um dos modelos mais perfeitos dos prelados eclesiásticos, nasceu na cidade de Toledo da nobilíssima prosápia dos reis godos.

Seu pai, chamado também Heladio, condecorado com os mais honoríficos cargos do palácio, distinguidíssimo por sua piedade e agradecido do favor que lhe fez o céu em conceder-lhe um filho dotado com todas as disposições da natureza e da graça, aplicou seu vigilante cuidado em dar-lhe uma educação conforme à sua religião e nascimento; mas seu belo natural e inclinação ao bom facilitaram mais que tudo o desejado efeito de sua educação; e, embora a tenha tido na corte, sítio muito perigoso para conservar a inocência um jovem que lograva o favor do príncipe, com tudo não lhe tocou o ar de suas pestilentes máximas. Como juntava uma singular circunspecção e gravidade de costumes a uma grande madureza de juízo e solidez de entendimento, era tido na corte por um dos jovens mais cabais de seu tempo. Mas, sobressaindo principalmente no manejo dos negócios, confiou o rei a seu cuidado o emprego de governador das coisas públicas, cargo de muita importância entre os godos.

Não se entibiaram os piedosos ditames de Heladio com esta primeira dignidade do reino: fizeram pouca impressão em seu espírito os atrativos de uma brilhante fortuna e adiantamento com que o esperançava seu próprio mérito. Inutilmente pôs sua virtude na maior prova tudo aquilo que poderia tentar qualquer outro coração menos desenganado e menos sólido: nunca o deslumbraram as aparentes grandezas de que tanto se paga o mundo. Inspirou-lhe sua virtude ditames e máximas mais conformes à religião que professava; e assim, em meio da corte, vivia com o regramento e devoção que poderia um solitário. Em prova do que escreve Santo Ildefonso que sob o hábito secular cumpria os exercícios monásticos, com tanto amor ao retiro que o tempo sobrante ao cumprimento de suas obrigações o passava no mosteiro Agaliense, contíguo à cidade de Toledo, florescente então na observância regular e onde, reunido com os monges, se ocupava nas funções do instituto e ofícios mais humildes da comunidade.

Quando todos aplaudiam e até veneravam a Heladio como maravilha da corte, inspirou-lhe o Senhor a resolução de deixar o mundo para atender unicamente ao importante negócio de sua salvação. E, seguindo tão acertado impulso, renunciou o emprego e todas as honras e esperanças com que o lisonjeava o século e vestiu o hábito de monge no dito mosteiro. Foram tão conhecidos os progressos que fez ali na virtude e tão notória sua consumada prudência que, morto o abade daquela casa, por aclamação comum o elegeram por seu sucessor os religiosos, muito contra sua vontade. Mas, se bem se esmerou em enriquecer com bens temporais o mosteiro, muito mais em aumentar os espirituais em seus súditos, com o fervor de seus sábios conselhos, sempre acompanhados com o exemplo, para tornar mais eficazes suas instruções.

Vagou por aquele tempo a cátedra episcopal de Toledo por morte de Aurásio, prelado digno do maior elogio, pois, embora se achasse carregado de anos, sua prudência, santidade e sabedoria o fortaleciam com o valor necessário para governar destramente tão vasta diocese; e todos puseram os olhos em Heladio para que fosse seu sucessor. Não foi tão fácil render sua vontade como o foi sua eleição; mas, sujeitando-se ao jugo por obediência, principiou a exercer as funções de seu ministério como sábio e santo pastor. Todos os seus desvelos tinham por objeto a perfeição do estado eclesiástico, a reforma dos costumes do secular e o lustre do culto divino. Esmerando-se no socorro dos necessitados, mereceu o renome de pai dos pobres. Basta para acreditar o inesgotável de sua caridade o testemunho de Santo Ildefonso: «As misericórdias e esmolas que fazia Heladio — diz o santo — eram tão copiosas como se entendesse que de seu estômago estavam presos como membros os necessitados e dele se sustentavam suas entranhas.» Para não defraudá-los, observava uma frugalidade admirável em sua mesa. O mesmo Santo Ildefonso acrescenta que recusou escrever, porque suas ações louváveis eram um contínuo testemunho de quanto poderia imprimir no papel para pública ensinança.

Entre outros muitos feitos deste celebérrimo prelado, dignos de eterna memória, foram as vivas e eficazes instâncias com que persuadiu o rei Sisebuto a que expulsasse dos domínios da Espanha os judeus que a inficionavam com sua cegueira e alvoroçavam com seus gênios inquietos, experimentando-se muito logo as vantagens daquele desterro. Também se deveu a sua piedade a construção do templo de Santa Leocádia, onde foi à sua morte sepultado, com um epitáfio expressivo de sua nobreza, nascimento e admiráveis ações, escrito por Santo Ildefonso, a quem ordenou de diácono e quem lhe sucedeu nos empregos de abade e arcebispo na primeira cátedra.

Por fim, depois de ter governado seu bispado como um verdadeiro sucessor dos apóstolos por espaço de dezoito anos, nos tempos de Sisebuto, Chintila e princípios de Sisenando, carregado de merecimentos, faleceu no dia 18 de fevereiro do ano 632. Crê-se, e é muito verossímil, que ocasionou sua morte o sentimento pelos distúrbios e males que ocorreram na Espanha com motivo do violento despojo do rei Chintila por Sisenando, sujeito de grande ânimo e destreza na arte militar, mas cheio de ambição por reinar, o qual, passando à França, conseguira que Dagoberto auxiliasse com tropas seus intentos. A opinião de santidade deste excelente prelado foi entre os godos celebérrima; e em prova de sua veneração pública escreve Pisa, na história de Toledo, que o pintavam antigamente com diadema, insígnia de santidade conhecida.

Martirológio Romano

Em Jerusalém, São Simeão, bispo e mártir, que se diz ter sido filho de Cléofas e parente imediato do Salvador segundo a carne. Tendo sido sagrado bispo de Jerusalém depois de Tiago, apelidado o Irmão do Senhor, sofreu primeiramente diversos suplícios durante a perseguição de Trajano e acabou sua vida com o martírio. Todos os circunstantes e o próprio juiz se maravilharam de que um velho de cento e vinte anos tivesse sofrido com tanta fortaleza e constância o suplício da cruz.

Em Óstia, os santos irmãos Máximo e Cláudio, mártires, com Prepedigna, mulher de Cláudio, e seus dois filhos Alexandre e Cútias, todos de ilustre família, que foram presos e desterrados por ordem de Diocleciano; depois, tendo sido condenados ao fogo, ofereceram-se a Deus em oloroso sacrifício. Suas relíquias preciosas, lançadas ao rio, foram recolhidas pelos cristãos e enterradas perto da mesma cidade.

Na África, os santos mártires Lúcio, Silvano, Rútulo, Clássico, Secundino, Frúctulo e Máximo.

Em Constantinopla, São Flaviano, bispo, o qual, defendendo vigorosamente a fé católica em Éfeso, foi maltratado a pontapés e punhadas pela facção do ímpio Dióscoro e, tendo sido desterrado, morreu ao cabo de três dias.

Em Toledo, São Heladio, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é do comum de mártir e pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Infirmitatem nostram respice, omnipotens Deus: et quia pondus propriæ actionis gravat, beati Simeonis martyris tui atque pontificis intercessio gloriosa nos protegat: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus todo-poderoso, atendei à nossa fraqueza; e, pois estamos oprimidos com o peso de nossos pecados, amparai-nos pela intercessão de vosso glorioso mártir e pontífice, o bem-aventurado Simeão: Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 1 do apóstolo Tiago e é a mesma do dia 1.

Tiago 1,12-18

> **Latim:** 12 Beatus vir qui suffert tentationem : quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se. 13 Nemo cum tentatur, dicat quoniam a Deo tentatur : Deus enim intentator malorum est : ipse autem neminem tentat. 14 Unusquisque vero tentatur a concupiscentia sua abstractus, et illectus. 15 Deinde concupiscentia cum conceperit, parit peccatum : peccatum vero cum consummatum fuerit, generat mortem. 16 Nolite itaque errare, fratres mei dilectissimi. 17 Omne datum optimum, et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum, apud quem non est transmutatio, nec vicissitudinis obumbratio. 18 Voluntarie enim genuit nos verbo veritatis, ut simus initium aliquod creaturæ ejus.

Português: 12 Bemaventurado o homem, que sofre com paciencia a tentação: porque depois que elle tiver sido provado, receberá a coroa da vida, que Deos tem promettido aos que o amão. 13 Ninguem, quando he tentado, diga, que Deos he o que o tenta: porque Deos he incapaz de tentar para o mal: e elle a ninguem ten-ta. 14 Mas cada hum he tentado pela sua propria concupiscencia, que o abstrahe, e allicía. 15 Depois quando a concupiscencia concebeo, pare ella o peccado: e o peccado quando tiver sido consum-mado, gera a morte. 16 Não queirais pois errar, irmãos meus muito amados. 17 Toda a dadiva em extremo ex-cellente, e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pai das luzes, no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação. 18 Porque de pura vontade sua he que elle nos gerou pela palavra da verdade; a fim de que sejamos como as primícias das suas creaturas.

Nota

«Tiago, bispo de Jerusalém, nomeado o Menor porque foi chamado ao apostolado depois do outro Tiago, filho de Zebedeu, escreveu uma epístola admirável, e é a primeira das epístolas católicas, isto é, universais, porque não estão dirigidas a nenhuma igreja em particular, mas a todos os judeus convertidos à fé e a todos os fiéis em geral espalhados por toda a terra e compreendidos no

nome das doze tribos. Escreveu-se esta carta pelos anos do Senhor de 59 ou 60.»

Reflexões

Beatus vir qui suffert tentationem: quoniam cum probatus fuerit accipiet coronam vitæ. Muito prova o mundo os que o servem. Quanto há que sofrer do capricho e da tirania do amo mais duro e mais imperioso de todos os amos? Alterações nas prosperidades, inconstâncias na fortuna, desordem nos negócios, inveja, artifícios, enganos, paixões: tudo concorre para exercitar a paciência dos mundanos; mas que fruto, que felicidade encontram neste duro exercício? Não, meu Deus, não sucede o mesmo com as mais rígidas provas em que talvez pondes vossos mais fiéis servos; porque, além de que não poucas vezes todo o seu rigor fica somente na casca, porque vossa graça embota suas pontas e adoça sua amargura, onde há fruto mais requintado, onde há recompensa mais preciosa nem mais segura que ter sido fiel em todas estas provas? O combate dura por poucos momentos, a tentação é de breves horas; mas o fruto da vitória compete com a mesma eternidade. Faze cotejo entre o padecer dos uns e o padecer dos outros e sentencia depois quais deles são mais dignos de compaixão. *Nemo cum tentatur dicat quoniam a Deo tentatur: Deus enim intentator malorum est: ipse autem neminem tentat*: Nem diga alguém, quando se acha tentado, que Deus é o que o tenta; porque Deus não é capaz de tentar para o mal. O intento de Deus quando põe seus servos em algum gênero de provas é purificar sua virtude, experimentar sua fidelidade, aumentar sua recompensa. Sempre deve acompanhar o fervor um temor santo, segundo o conselho do Apóstolo; muito mais necessário é este santo temor em tempo de secura e em tempo de prova; mas ao mesmo tempo a confiança no Senhor há de sustentar, há de aumentar o alento em meio das mais fortes tentações: porque Deus é justo e não permitirá que sejas tentado mais do que puderem levar tuas forças; e até na mesma tentação te auxiliará com abundantes meios para que possas vencê-la. Mas quando nós nos expomos tão temerariamente à tentação, quando amamos, quando buscamos o perigo, quando provocamos o inimigo contra as ordens do Senhor, não nos precipitamos num conhecido risco de perder-nos? Estaremos bem seguros apoiando-nos unicamente em nossa temerária confiança? Até os maiores santos não se tinham por seguros no deserto; os mesmos sagrados apóstolos julgavam-se obrigados a juntar uma contínua oração com uma perpétua vigilância; os heróis da religião não achavam segurança senão na fuga: e uns homens, por assim dizer, chagados de pés a cabeça, debilitados, já meio vencidos à força de tantas recaídas, metem-se a sangue-frio e com plena deliberação nas mais perigosas ocasiões! Ignoramos porventura que levamos em nós mesmos o tentador mais lisonjeiro e, por isso mesmo, o mais perigoso? Ah, que não precisa de mais incentivos a isca natural de nossa concupiscência! Na verdade, em vão se valeria o demônio deste inimigo doméstico, com o qual está sempre de inteligência para enganar-nos, se nós não nos puséssemos também de sua parte para nossa ruína. Nem um nem outro nos faria dano se nós não quiséssemos; sua vitória depende de nosso consentimento, e este consentimento em nossa mão está negá-lo ou concedê-lo. Não há que ponderar em demasia nossa propensão ao mau, nossa natural fraqueza; a graça do Redentor, que nunca nos falta, sempre nos dá forças para vencer. Nesta guerra ninguém é vencido senão por culpa sua. Quem se mete voluntariamente no perigo, será maravilha que fique vencido? E não seria milagre que não o ficasse? Que erro, que loucura não ver, não conhecer que toda a nossa

virtude, toda a nossa força, todo o nosso alento e todo outro qualquer dom vem unicamente de nosso Salvador, de nosso amoroso Pai! Mas que consolo, que perene, que inesgotável manancial de confiança saber que este doce Salvador, que este bom Pai não está sujeito a mudanças! Sua ternura não padece minguantes, seu amor está isento de vicissitudes: *Apud quem non est transmutatio, nec vicissitudinis obumbratio*; Jesus Cristo ontem e hoje, sempre benéfico, sempre cheio de misericórdia; e, se Deus tem tanta bondade para comigo, diz São Bernardo, no mesmo tempo em que fujo dele, no mesmo tempo em que o ofendo, que fará quando o busco, quando faço tudo o que posso por agradar-lhe, quando o sirvo com fidelidade?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas e é o mesmo do dia 1.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, 30 dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? 31 Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? 32 Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. 33 Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: 26 Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. 27 E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. 28 Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, 29 para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, 30 dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? 31 Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? 32 D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. 33 Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Do fim do homem

Primeiro ponto

Considera que não estamos no mundo por casualidade; algum fim se propôs Deus quando nos criou, e este fim não foi outro que o de conhecê-lo, amá-lo e servi-lo. Glorificamos a Deus conhecendo-o e amando-o; damos testemunho de nosso amor servindo-o, e servimo-lo guardando seus mandamentos. Bem pôde Deus não nos criar; mas não pôde criar-nos para outro fim.

A desordem dos costumes pode fazer-nos esquecer nosso dever; mas nunca poderá mudar nosso último fim. Por muito desregrados que sejamos, sempre será verdade que não estamos no mundo para amontoar riquezas, para adquirir honras, para gozar dos prazeres, para fazer uma grande fortuna; só estamos nele para servir a Deus, para amá-lo e para glorificá-lo com nosso amor.

Os reis e os vassalos, os ricos e os pobres, os moços e os velhos não estão neste mundo para outro fim. Que os homens sejam de diferente condição; que haja subordinação entre eles; que uns nasçam senhores e outros vassalos: todos nasceram para um mesmo fim derradeiro; e todos convêm neste ponto capital, a saber, que todos foram criados para conhecer a Deus, para amá-lo e para servi-lo.

Que se passe a vida sem considerar para que fim se viveu neste mundo, que se morra alguém sem ter pensado jamais nisto: sempre subsiste esta verdade em todos os seus princípios e em todas as suas consequências; e sempre é verdade que aquele libertino, aquele dissoluto que vive como se não estivesse no mundo mais que para dar todo gosto a seu apetite; aquela pessoa mundana que tem tão pouca religião; aquele homem do século empregado unicamente em fazer sua fortuna: sempre é invariavelmente verdade que todos estes não estão na terra senão para amar a Deus, para servi-lo, para agradar-lhe. Não foi mais criado o fogo para aquecer nem o sol para alumiar do que o foi o homem para servir a Deus e para glorificá-lo. Quantas reflexões nascem desta verdade! Mas quantos remorsos, quantos justos sobressaltos nascem destas reflexões!

Mas esta verdade fundamental de nossa Religião, esta base sobre a qual se levanta toda ela, subsiste do mesmo modo em tempo de carnaval que em qualquer outro tempo do ano? Será possível que nestes dias de alegria e de liberdade, nesta risonha estação de diversões tão pouco cristãs, não haja cristão algum que não esteja severamente obrigado a amar a Deus, a servir a Deus, a glorificar a Deus, nem mais nem menos que em tempo de penitência? Mas, se isto é assim, que será daqueles cristãos que clamam tão furiosamente contra esta evangélica doutrina? Vivem estes segundo o fim para o qual estão neste mundo? E qual será o termo de uma carreira que se desvia tanto de nosso último fim?

Segundo ponto

Considera que não há verdade no cristianismo que mais depressa se aprenda que a do fim do homem, mas tampouco a há em que menos se pense nem que faça menos impressão ainda quando nela se pensa. Pode ser que talvez não tenhamos jamais penetrado bem seu sentido, nem muito menos suas consequências. Porque, se é verdade que não estou neste mundo senão para servir a Deus, não devia haver nem uma ação em minha vida que não se referisse a Deus: e talvez, talvez não se encontrará em toda ela uma só feita unicamente por Deus.

Ao consultar somente nossos costumes, nossas máximas, nossa conduta, dir-se-ia que seja Deus nosso último fim? Cada qual vai a seus fins, assim é; mas, se Deus não é este fim, qual será nosso termo? Cada um vai a seus fins; mas a que fins? É tal conveniência, tal emprego, tal ganho, tal diversão e muitas vezes tal pecado; é o objeto de minha concupiscência, de minha ambição, de minha paixão dominante: eis aqui de ordinário qual costuma ser o fim daquelas negociações, daqueles desvelos, daqueles passos, daquela vida penosa, laboriosa, inquieta e tumultuosa de tantas pessoas; e nesses trabalhos, nessa aplicação, nesse estudo ingrato e cheio de afã olha-se muitas vezes ao Senhor? Consulta-se sua divina lei? Tomam-se medidas justas para o fim último? Certamente na maior parte das empresas, dos grandes negócios do mundo, a Deus se conta por nada, não se faz caso algum de sua Majestade.

Busca-se porventura a Deus nessas profanas diversões, nesse jogo contínuo, nessas juntas, nessas concorrências onde a vaidade joga o resto de toda a sua pomposa ostentação? Busca-se a Deus nesses projetos ambiciosos, nesses soberbos equipamentos, nesses esplêndidos convites? Busca-se a Deus nessas devoções de ruído, de aparato e de preferência? Quando a vaidade, quando o amor-próprio se tiverem apropriado o que lhes pertence em nossas obras, encontrará Deus indenes seus direitos no que restar?

É possível que chegue a tanto ponto nosso atoleimamento que estejamos vendo a sangue-frio nossos descaminhos e que nos estejamos comprazendo neles? Não estou neste mundo senão para conhecer, amar e servir a Deus; mas conheço bem esse grande Deus cuja santa lei estou violando e cujas sagradas máximas há tanto tempo desprezo? Amo-o, esse grande Deus a quem estou ofendendo sem reparo, a quem estou desagradando sem remorso e a quem minha má conduta está continuamente desonrando? Sirvo-o, esse grande Deus, quando não reconheço outro amo nem outro dono que o mundo e minhas paixões?

Homens ingratos, exclama o profeta, não sois bastante felizes em que vos tenha tocado a sorte de servir a Deus e de tê-lo por vosso último fim? Pois por que vos quereis repartir entre Deus e o mundo? Que concluir deste discurso, e qual será o efeito das terríveis acusações que me está fazendo minha consciência?

Quê, meu Deus, não estava eu no mundo mais que para amar-vos e para servir-vos, e passei, perdi a mais bela parte de minha vida sem que talvez vos tenha amado nem vos tenha servido oito dias em toda a minha vida, e talvez nem um só dia!

Mas ao fazer esta reflexão não tenho alento para falar palavra; calo, meu Deus, calo coberto de confusão e apelo unicamente às vozes de meu coração. Vivi, envelheci perpetuamente descaminhado; mas vós, Senhor, que vos dignastes ir em busca da ovelha perdida e desgarrada, não rejeitareis a que por vossa graça vem gemer a vossos pés e protesta que já não quer servir a outro senão a vós.

Jaculatórias

> *Notum fac mihi finem meum: ut sciam quid desit mihi.* Sl 38.

Dai-me a conhecer, Senhor, meu último fim, para que daqui em diante trabalhe melhor do que fiz até aqui.

> *Tuus sum ego.* Sl 118.

Vosso sou, meu Deus, por tantos títulos e motivos; e não quero viver para outro senão para vós.

Propósitos

1. O fruto da árvore pertence a seu dono. Nós somos de Deus por muitos títulos; assim, pois, nenhuma ação nossa deve deixar de ser sua. Todas as que se fazem com outro fim são sem mérito; pois quantas ações devo contar por perdidas para a eternidade? Interessa-nos muito evitar esta perda; não faças coisa que não seja com intenção de agradar a Deus; busca em tudo sua maior glória e encontrarás a tua sem buscá-la, porque nossos interesses são inseparáveis dos seus. Mas, porquanto nesta concorrência de motivos é muito fácil enganar-nos, pois não poucas vezes nos buscamos a nós mesmos, ainda quando nos lisonjeamos de buscar unicamente a maior glória de Deus, além das advertências que se fizeram sobre este ponto no dia precedente, convirá muito ter presentes as regras que se seguem.

2. A caridade, diz o Apóstolo, é paciente, está cheia de bondade e não é ciumenta. Todo zelo inquieto, agro e amargo, todo zelo acompanhado de uma secreta inveja é falso ou ao menos muito suspeito.

O caráter do verdadeiro zelo, isto é, do que tem a Deus por primeiro móvel, é curar as chagas com azeite e com vinho, como aquele caritativo samaritano; é corrigir as faltas com suavidade, esperando o efeito dos remédios com paciência; é alegrar-se verdadeiramente do fruto e do aplauso que logram os trabalhos dos outros. Essa maligna tristeza que se sente quando se vê que

outros trabalham com mais aplauso e com mais fruto que nós é sinal claro de que em nossas boas obras buscamos alguma outra coisa que não é Deus. Se tens uma emulação amarga e um gênio contencioso, diz o apóstolo Tiago [^1], não creias que estás muito adiantado; porque esse gênero de prudência não vem do alto; é uma prudência terrestre, animal e diabólica. Onde há emulação, onde há inveja, há desordem e todas as ações perversas. Tens filhos que corrigir, súditos ou criados que repreender? Pois guarda-te bem de fazê-lo com altivez, com arrebatamento, com cólera nem com acrimônia; a caridade é doce e jamais se encoleriza. Também é sinal de que o fim é direito e a intenção reta quando se trabalha sem inquietude, sem turbação, sem atropelamento. Quando com igual aplicação, com igual zelo se trabalha em segredo como em público, na ocupação humilde como na brilhante, numa triste aldeia como nas maiores cidades, em favor dos pobres como no dos ricos, aos olhos do mundo como sem testemunhas; se se trabalha como se não houvesse no mundo mais que Deus e o que trabalha, e se se compraz alguém em que os demais trabalhem ainda muito mais que ele; se não nos inquietamos quando nos interrompem o trabalho; e se se procuram desempenhar as menores obrigações com tanto cuidado e com tanto ardor como as maiores. Sobretudo aquelas pessoas religiosas que desprezam a observância das regras miúdas com pretexto de que são miudezas, estejam certas de que não buscam puramente a Deus no cumprimento das de maior importância. Quando só se deseja dar gosto ao amo a quem se serve, faz-se igualmente bem tudo o que quer.

[^1]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:04 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:04 by Admin